



Quinzenario da Cultura Social e Regionalismo

Manoel Henrique Varejão e Manoel Alves Barreto  
Redactor principal—Simões Diniz  
Director-Delegado—José Canelas  
Redacção e Administração—Régua  
Composto e impresso na Imp. Trasmontana—Régua

Secretarios de Redacção  
Raul Alvarenga e  
Custodio Ribeiro

Assinaturas—Portugal 12  
numeros 5\$00. Colonias  
e estrangeiro, ano 24 nu-  
meros 20\$00. N.º av. 50

EDITOR E PROPRIETARIO — Manuel Henrique Varejão

Publica-se em 1 e 15 de cada mez

## + CRUZ CALDAS

Por Simões Diniz

Entre a pleiade de artistas da geração moderna, um nome se destaca proeminente, como um traço vivo de tintas policromicas riscado por sobre uma tela com caprichosos arabêscos.

Dependurado aí, pelas paredes, em cartazes multicôres gritando bizarras, firmado em caricaturas de livros, revistas e jornais, Cruz Caldas ilumina com as dez letras do seu nome o esmaecido do mais simples e modesto dos seus trabalhos.

A Arte, encontra neste homem pequenito, de olhar vivo, penetrante, que vive a vida enclausurado no seu modesto atelier num rés do chão da rua do Heroísmo da cidade Invicta, a Arte, ia dizendo, encontra nele um apaixonado cultor.

Conquanto ele tenha no desenho e na caricatura o seu modo de viver—linda e invejável profissão!—Cruz Caldas não norteia o seu lápis pela bussola tentadora mas nem sempre infalível do dinheiro.

É tão profícua a sua força de vontade, é tão intenso, tão arreigado o seu amor pela Arte, que Cruz Caldas impondo-se por si proprio, é hoje um nome consagrado que, de norte a sul de Portugal, tem um admirador em cada apaixonado do Belo.

Já antes de pessoalmente conhecer Cruz Caldas eu, como toda a mocidade do meu tempo nutria por ele a simpatia que devemos a quem de vez em quando nos apresenta frente aos olhos sedentos de Beleza uma paisagem colorida, trabalhada a esmero pelo pincel divino da Natura.

Cruz Caldas, de ordinario, não maneja a paleta. Mas o seu lapis é um cinzel nas mãos de um mestre. Nas paredes do seu atelier, há esculturas riscadas em papel, há imagens vivas, emudecidas ante o vigor do punho do artista. Por sobre as mezas amalgamam-se numa promiscuidade encantadora, livros, magazines, gazetas, onde em cada espaço branco refulge um rabisco que

## Soneto

(Ao eximio poeta  
Salvaterra Junior)

*Deslisa pelo espaço, brandamente,  
A brisa a murmurar, como num sonho.  
Pelo prado viçoso e tam risonho  
Desabrocham as flor's, garridamente.*

*Porem eu não compreendo, francamente,  
Por que possa quedar-me, tam tristonho,  
Ali—como se, horrivel e medonho,  
Satam me torturasse, ferozmente!*

*Contar-me vinde, Musas, a razão  
Porque, nesse momento, o coração  
Se me aperta, de ancioso, a palpitar!...*

*Então, naquele ambiente tam sereno,  
Onde o viver é belo, dôce, amêno,  
Hei de eu sentir vontade de chorar?!*

LUMELINO PESTANA.

## Incompreensão

OBSERVAÇÕES RAPIDAS

(Por Camacho da Costa)

...E nunca mais se viram!  
Separaram-se sem qualquer explicação.

Se alguém lhes perguntasse como aquilo fôra, não o saberiam dizer. Espantar-se-iam talvez...

Encontraram-se um dia, no parque, e falaram.

Depois, sempre, todos os dias, se reuniram ali conversando sobre tudo, sobre mil futilidades...

Eram duas almas mortas, incompreensíveis, que voejavam em tórno uma da outra, a todos os instantes, sem se decifrarem.

Ela, era um enigma. Ele, um mistério...

\*

Tudo ria e conversava de baixo das olaias hospitaleiras e frondosas.

O dia estava quente. No

parque corria uma frescura agradável, convidativa...

Eles lá andavam... conversando como sempre, em futilidades, no tempo talvez, ou de alguma pessoa que passava sem os vêr...

\*

Pobres almas que sofriam! Corações que não se compreendiam, e que, todavia, batiam em unísono...

E quando se podiam juntar, fugiram um do outro, separaram-se...

\*

Ele, era um misterio! Ela, um enigma incompreensível. Amavam-se sem o suspeitarem...

\*

...E nunca mais se viram!... Separaram-se sem qualquer explicação...

## CRUZ CALDAS

Por Simões Diniz

ao primeiro golpe de vista nos revela nitidamente um homem, uma coisa, uma idéa.

Cruz Caldas caricatura em dois traços. Olha o objecto de frente ou de perfil e volvido um minuto rápido, fugaz, tem sob os seus dedos uma vida, um vulto, uma sombra, um espelho...

A par disso, porém, nas suas horas de vagar, que não de descanso, porque o artista nunca tem repouso!—ele entretém-se fazendo retratos demorados, onde não escapa o mais insignificante pormenor, a mais pequena minudencia, de mulheres bonitas com quem simpatiza—mulheres que o mundo conhece.

E aparece-nos, entre outras, Greta Garbo, melancólica no seu olhar expressivo de voluptuosidade—uma cabeça esguia, um rosto com laivos grêgos, uma boca a pedir beijos...

Que Cruz Caldas me perdôe a indiscrição. Só eu é que tive ainda o condão de vêr estes trabalhos de paciencia, das suas horas de pacatez.

—São para uma exposição que vou fazer—diz-me o artista sorridente. E os meus olhos ávidos, contemplam essas silhuetas coloridas que ele me vai apresentando, como um velho a mostrar brinquedos tentadores a uma criança buliçosa...

Esta crónica simples, lhana, devia-a eu a Cruz Caldas. Devia-lha a minha admiração pelo seu talento e a minha amizade espontanea, reforçada por uma visita que ontem lhe fiz.

Eu sou, é certo, quasi um despeitado, visto que o invejo—tenho-lhe uma inveja cega e surda que ele ha-de ter visto, que ele ha-de ter adivinhado.

Mas fui sincero nessas linhas que aí ficam.

De resto, eu tambem sou desenhista, pois então!

Há só uma pequena diferença entre nós dois:

É que enquanto o artista desenha em dois traços o rosto dos homens, eu desenho na rabiosca funambulêscia da taquigrafia, a alma das coisas!

# O MARAJO

Quinzenario de Cultura Social e Regionalismo

REDACCÃO—REGUA

Ex.<sup>mo</sup> SIII

Cruz Caldas

R. do Heroísmo nº 52

Ref. *Seres*

*Porto*

